

ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA ALGARVIA

: LITERATURA : SCIENCIA : CRITICA : E : ARTES :

ANO I	Redacção e Administração	Director, Proprietario e Editor: Mateus Martins Moreno	Composição e Impressão	N.º 8
	Rua da Procição, 148, 3.º	Secretario da Redacção: F. Ascensão Mendonça	A MODESTA--57, R. do Mundo, 59	
	LISBOA	Redactores: Ascensão Contreiras, Jaime da Graça Mira, João Rico, Joaquim Rita da Palma, José Dias Saneho, José Guerreiro Murta, José Pavia de Magalhães, D. Laurinda Serytram e Mauricio Serafim Monteiro.	LISBOA	

PELOS INTERESSES DA PRÓVINCIA

Um Congresso Regionalista Algarvio na Praia da Rocha

O que nos comunicam seus iniciadores, os nossos ilustres comprovincianos srs. Padua Franco e Dr. Tomaz Cabreira

Ao formularmos as várias hipóteses sobre o futuro esplendoroso de que a nossa provincia já hoje poderia estar usufruindo se não fôra, certamente, essa indole mole dos reclamantes a dominar sempre as suas *démarches*, na âniea de rasgarmos de vez todo esse nevoeiro de apáticas deserenças, quãse nos sentimos desco-rajados ante a multiplicidade dos capitulos a que nos temos de cingir. Tudo está por estudar, conhecer, revolucionar, erguer á luz dos seus méritos, em o nosso belo e tão desprezado Algarve. Nem leis, projectos, iniciativas, nem alvitres ou reclamações que se ouçam teem surgido a lume; e ôle, o formoso torrãosinho das mouras encantadas, lá vai ficando, tambem, qual príncipe exilado, nêsse encantamento ignóbil que os próprios poderes publicos parece temerem quebrar...

Causas e efeitos de toda esta paradoxalrotina, pretendemos, porém, ver brevemente destruidos, porquanto é belo e grandioso o empenho com que ilustrados espiritos algarvios tentam ocupar-se do assunto. E já hoje sentimos orgulho em nos referirmos á nobre iniciativa do nosso estimado comprovinciano e grande amigo do Algarve, o sr. Jaime de Padua Franco, dignissimo Director-Secretario da Sociedade Propaganda de Portugal, e aos relevantes designios do nosso eminente estadista e homem de sciencia, sr. dr. Tomaz Cabreira, de quem mui eruditas observações sobre a importante questão

a sua gentileza nos soube tambem ha dias dispensar.

O turismo é o problema primacial de toda a riqueza algarvia

Recebido na séde da Propaganda com o aperto de mão fraterno dos que lutam pelas mesmas aspirações, o nosso ilustre amigo, sr. Padua

Franco, convida a nos sentarmos e, nos mais calorosos ilogios aos patrioticos intuitos da «Alma Nova», oferecendo-nos todos os recursos ao seu dispôr, aborda o assunto que lhe tornara desejada a nossa entrevista, começando por nos ler uma circular que se prepara a expedir e mediante a qual serão constituídas e orientadas as varias delegações que devem figurar no altruistico Congresso, de enjos elevados intuitos muito empenhada e entusiasticamente nos faz menção.

O completo abandono a que tem sido vo-

tada por parte dos poderes publicos a nossa bela provineia, atribue-o, com muita razão e justa censura para os que jamais curaram do assunto, ao facto de não ser conhecido o conjunto das suas aspirações e das suas mais urgentes necessidades. E diz-nos, acentuando bem o interesse da expressão: «O turismo é o problema primacial de toda a sua riqueza. Fomentar o turismo é mostrar que sabemos aproveitar as belas dádivas com que a natureza nos distinguiu. E da industria do turismo derivarão imediatamente



PADUA FRANCO
(Secretario do Congresso)



DR. TOMAZ CABREIRA
(Presidente do Congresso)

outras, como são as da viação, transportes, hotéis, casinos, festividades, etc.»

Este Congresso, que deve ser do apoio unânime de todos os algarvios que se interessam pelos progressos da provincia natal, deve realizar-se ainda este ano, nos dias 4, 5 e 6 de Setembro, na Praia da Rocha, antecedendo um pouco a Exposição Regional a efectuar-se também em Setembro na mesma praia. Nele devem figurar representantes de todas as localidades algarvias de certa importância, tendo estas de nomear, entre pessoas idoneas e ilustradas, o seu delegado, o qual traduzirá as aspirações e os desejos da localidade que representa. O conjunto das aspirações, desejos e necessidades das diferentes localidades será confiado a uma Comissão que instará perante os poderes publicos pela sua realisação.

«Um dos salutaes efeitos do Congresso será como que a aproximação e a confraternisação de todas as localidades algarvias, o que não deixará de se traduzir em beneficios para a provincia.»

A Sociedade Propaganda de Portugal, embora não possa tomar a iniciativa da sua realisação, para não ferir susceptibilidades nem provocar emulação da parte das delegações d'outras provincias, está comtudo inteiramente pronta a patrocinar o Congresso e todos os pedidos de auxilio que as colectividades lhe fizerem, posto que assim estará ao abrigo de toda e qualquer reivindicação ou protesto.

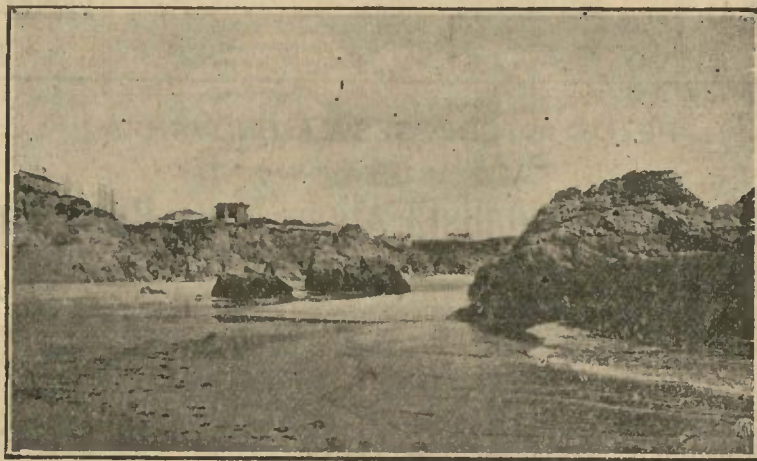
O sr. Dr. Tomaz Cabreira acolhe a iniciativa com os maiores aplausos e coloca todo o seu talento e entusiasmo á disposição da patriótica empreza. O illustre algarvio será presidente do Congresso

O sr. Dr. Tomaz Cabreira, figura algarvia das mais illustres e cotadas, sangue ainda quase jovem, é uma d'estas criaturas que sabem abordar qualquer assunto com invulgares conhecimentos, mais práticas do que em geral costumam sê-lo a maioria dos portuguezes, e em cujo convívio se sentem bem os que desejam aprender.

Quiz o acaso que S. Ex.^a nos fosse apresentado quando conferenciávamos com o sr. Padua Franco, e em nada nos foram menos proveito-

sas as impressões de S. Ex.^a sobre o Congresso, já porque o sr. Tomaz Cabreira é um espirito superiormente culto, já porque é um grande amigo do torrão que lhe foi berço.

Referindo-se-nos ao miserando atrazo em que o Algarve ainda se encontra, divagando mesmo em amena palestra sobre o que deverão ser as nossas praias, a nossa serra, a nossa cultura, as nossas industrias e todas as nossas riquezas, emfim, que serão tantas, depois de convenientemente estudadas e visadas pelos poderes publicos, S. Ex.^a, reivindicando-nos o seu espirito de bom práctico, entra imediatamente na enumeração dos varios problemas que deverão ser



PRAIA DA ROCHA

tratados no referido Congresso,—estudos certamente brilliantes e de que a «Alma Nova» falará a seu tempo. São os seguintes:

Portos e Rios.—Irrigação.—Arborisação das serras e dunas.—Estradas.—Utilisação dos Caminhos de Ferro sob o ponto de vista do turismo e expansão das industrias e culturas algarvias.—Climatologia: Turismo e Sanatorios.—Industrias (sob o ponto de vista moderno) a criar e desenvolver no Algarve.—O Folk-lore algarvio: Lendas, Costumes e Tradições.—Museu Regional do Algarve (historico e pre-historico).—Problema do Crédito.—Estudo das culturas a desenvolver e adaptar no Algarve.



PRAIA DA ROCHA

Sobre o Centro Algarvio em Lisboa

Já de pé para sairmos, quizemos ainda consultar o parecer dos nossos illustres entrevistados sobre a criação dum Centro Algarvio na capital, ao que o sr. Padua Franco nos responde logo:

—Nada de dissoluções, meu caro, nada de dissoluções. O centro algarvio está aqui, é a Sociedade Propaganda de Portugal. Convirjam n'ela todas as vossas aspirações e desejos, que ela os saberá sempre resolver. Na qualidade de algarvio, eu, como sabem, pugno pela minha provincia; pelas outras... pugnem os meus colegas, que o mais que eu lhes posso fazer é auxilia-los. E despedimo-nos.

o o CRISTO AGONISANTE o o

Olhei-me e vi que existo!
 Outrora ergui-me em Cruz no alto do Calvário
 E quis abraçar Deus!... Deus a chorar...
 E em meus braços queimados de Calvário
 Crucificaram Cristo!
 No olhar de Deus passou o meu olhar...

Dentro de mim minha Alma divagou.
 Debrucei-me a scismar: «Não sei quem sou!
 Sou o último grito de Jesus
 Quando o pregaram na Cruz...»

E Cristo agonisava lentamente.
 Tudo Silêncio e Luz.
 Escureceu...
 A Luz adormeceu...
 E o Silêncio acordou em roxo no Poente.

E eu não sei bem o que era a Côr-poente...
 Se era a Alma de Cristo erguida aos céus
 Ou era Eu agonisando em Deus!

: ALFREDO PEDRO GUISTADO :

(De «As Cinco Chagas de Cristo»
 a sair brevemente)

Sepultado

À memória de Antéro do Quental

Houve palacios dentro em mim, quando eu
 Erguia os braços para Deus e via
 O olhar do proprio Deus, formando o ceu
 Azul, daquele azul que canta o Dia!

Mas quando veio ao mundo a Noite Escura
 Os meus olhos cerraram-se... ceguei,
 E vi como era negra a Desventura
 Que em vôo etéreo e louco abandonei!

Inda quiz procurar dentro de mim
 A porta dos dragões, mas o jardim
 Tinha-se transformado num deserto...

Os palacios, agora confundidos,
 Tombaram todos sobre os meus sentidos,
 E, sob as ruínas, despertei do Incerto!

F. CARVALHO MOURÃO

1915.

CRENÇA

Pelas horas da noite, no meu lar,
 Quando vigio o seu dormir suave,
 E alongo pela casa o meu olhar
 No seu silencio biblico de nave,

A casa tem a doce paz dum templo,
 Onde a minha alma reza amor ardente;
 E nas penumbras vagas que eu contemplo
 E' Deus que vejo ali, na minha frente!

A Primavera entorna os seus efluvios!...
 São noites de luar e ha diluvios
 De fulgor, sobre o parque adormecido!...

O azul é alto e rebrilhante d'astros;
 E os muros do meu templo de alabastros
 Ungem-se d'Alma e Sonho indefinido...

MARIO PACHECO

1914.



O ALGARVE PITORESCO

ALMA NOVA — N.º 8 — VOL.

ATALHO — ESTOMBAR — QUADRÓ DE LYS-
TER FRANCO, PERTENCENTE AO EX.^{mo} SR.
DR. ALFREDO DE MAGALHÃES BARROS.

FOLK-LORE ALGARVIO

A VILA DE ARENILHA

E SUAS LENDAS

Nos primeiros tempos da Monarquia Portuguesa existiu na fôz do Guadiana, na volta que faz na costa da banda de Portugal para o norte, dando-lhe entrada aquele rio, nma pequena vila denominada Vila Nova de Arenilha. Era antiquíssima em 1542 e a ela se referiu D. Juham III na seguinte carta:

«D. Juham III etc. Faço saber aos juises, vereadores, procurador, homens bons e povo da vila de Arenilha que hora sois e ao deante fordes e a todos dos meus Reinos e senhorios, que por alguns justos respeito, que me a isto movem, ei por bem e mei serviço que a dita vila se nomee e chame d'aqui em diante — Vila de Santo Antonio e não se nomee nem chame de *Arenilha*, que até hora teve, e para delo serdes certo e a todos notorio mandei passar esta minha carta por mim assinada e com a selada do meu selo de chumbo, a qual fareis poer em guarda na arca das cousas da camara dessa vila para se em todo o tempo ver e saber como assim ouve por bem e mei serviço que a essa vila se nomee e chame de Santo Antonio na maneira que dito he. Dado em Lisboa a 20 d'Agosto. Ano do Nascimento de Jesus Cristo 1542».

Esta carta merce nos especial atenção porque a ela se referiu certamente o grande Marquez de Pombal em 1775, quando em officio dirigido á camara de Vila Real de Santo Antonio fez sentir que ela representava uma corporação genuinamente portugueza e a palavra Arenilha uma expressão caracteristicamente castelhana, e portanto entre si incompatíveis. E nesta interpretação o Rei e o Ministro foram perfeitamente concordes.

Em 1577 Fr. João de S. José escreveu em Tavra a *corografia* do Reino do Algarve, que foi depositada na Biblioteca Nacional de Lisboa, mas com tanta infelicidade nossa que, não obstante os seus 338 anos, ainda ninguém appareceu que a mandasse imprimir. Temos do manuscrito uma cópia e podemos afirmar que é uma obra primorosa.

Estamos daqui a ouvir esses pequenos reparos que se limitam a censurar a nossa literatura algarvia, acusando-a de exagerada nas suas lendas e inconsequente no seu entrecho. Responderemos a esses rapazes informando que o algarvio não forja lendas e que a corografia do Reino do Algarve é um documento precioso, na sua urdidura e no seu valor historico.

Quando o Marquez de Pombal lançou os alicerces á actual *Vila Real de Santo Antonio* fez crer que ali não faria mais do que *reparar e reedificar* a Vila de Santo Antonio de Arenilha, e tanto que no célebre obelisco que ainda hoje vemos erguido na Praça do Murquez se diz que o referido titular em cinco mêses salvara da inundação do oceano a antiga vila até ahí submergida. Que culpa tem os algarvios dessa afirmação menos verdadeira, visto que ali nunca existiu vila alguma? O marçõs quiz reedificar a Vila de Santo Antonio de Arenilha, mas o terreno que esta occupava estava no oceano. Partiu da hipótese de que a vila fundada mais ao norte era a mesma vila embora destruida nos principios do século XVII e não esteve para promulgar decretos de onde se deduzisse que Vila Real de Santo Antonio era diferente de Vila de Santo Antonio de Arenilha.

Ora de tudo isto não são os algarvios culpados.

E' verdade que na nossa provincia tem as lendas sofrido algumas alterações. No nosso tempo podemos citar a seguinte: Existia ha cincoenta anos em Vila Real de Santo Antonio um rico lavradôr, tão rico como excentrico.

Não tendo filhos, rednziiu a dinheiro todos os seus bens, direitos e acções, e habilitou-se com o seu testamento a dispôr dos seus bens como bem entendesse.

Em uma noite de muita chuva e de grandes trovões mandou chamar o notário com todos os preparos para escrever. Entrou o notário, encontrando o testador sentado. Sentou-se, empunhou a pena e pôz-se a escrever.

Concluido o testamento, ergueu-se o notário e disse para o testador: acompanhe-me á sala.

Ambos se dirigiram á sala onde se encontravam seis testemunhas para se fazer a aprovação do testamento acabado de fazer.

E os trovões eram de cada vez mais furibundos. N'essa altura dirigiram-se todos para o quarto onde tinham escrito o testamento. Toda aquella gente nunca assistira a tamanho monte de ouro.

Transportada a caixa de ferro com o dinheiro e o testamento para a sala escura, o notario empunhou um grande martelo e pregou o caixão com toda a segurança. Coincidiu a ul-

ma pancada do martelo com o ultimo e o mais assombroso trovão de toda a noite.

Toda a gente estremeceu com as duas pancadas.

Fechado tudo e guardado convenientemente disse o testador: é possivel que nunca mais aqui entre, ainda assim desejo dos senhores um favor.

— O que deseja? — perguntou o notário.

— Aqueles que forem vivos quando eu exalar o ultimo suspiro virão acompanhar a este logar a autoridade administrativa. Peço pois ao sr. notario redija um auto onde esteje consignada a minha vontade.

Assim se fez.

Uma hora depois saimos. Cincoenta e um anos depois faleceu o testadôr, e a autoridade administrativa foi convidada a fazer a leitura do testamento. Das seis testemunhas que tinham assistido á factura do testamento só uma era viva.

Quando o administradôr na sala escura compareceu para assistir á leitura do testamento, encontrou-se com muita gente. Toda a gente queria onvir a leitura. Corria a noticia por toda a vila que á leitura do testamento assistiria uma moura encantada o chorar!

Quem annunciara esta noticia?

«Uma bruxa de grande autoridade nos seus voticinios». A moura não appareceu.

E não nos afastemos do nosso fito que consiste apenas em procurar vestigios da vilota de Arenilha. Felizmente recebemos do nosso afilhado José Caracol, filho do nosso querido amigo Francisco Soares Vitor, a *Relação da jornada de El-Rei D. Sebastião, quando partiu da cidade de Evora para o Algarve*, escrita pelo cronista João Gascão.

Esta relação informa na sua devida altura que El-Rei D. Sebastião em Castro Marim mandara vir de Faro um bergantim, nele embarcara com D. Duarte, o Duque de Aveiro e alguns fidalgos, e todos se dirigiram a um logar pequeno que está á entrada da barra e defronte de Ayamonte, a que chamam Vila de Santo Antonio de Arenilha, logar de 15 ou 16 visinhos, de que é senhor Luiz Leite. Quando El-rei chegou ao meio do rio em frente da vila, chegaram 11 bergantins, a mandado da marquezia de Ayamonte, muito bem equipados e concertados assim de bandeiras grandes e pequenas, como das mais cousas necessarias. Entre os 11 bergantins vinha um que no concerto fazia vantagens aos ontros, e este mandou a marquezia a El-rei para se embarcar nele. Trazia por toldo um docel riquissimo de brocado e veludo de diversas côres, carmezim, verde e branco; tinha o docel uma riquissima e larga bordadura de ouro; era bordado com ramos formosissimos; as corrediças de damasco verde com rendas e franjas de prata, e no logar das costas as armas da Marqueza mui bem tiradas, de ouro e martelo, em campo vermelho; e dois esteios que o docel tinha por diante, um coberto de veludo vermelho com rendas de ouro e outro de rendas de prata. A pópa mui bem alcatifada e nos assentos de uma banda um pano de veludo carmezim grande e da outra outro de veludo verde e uma cadeira de veludo vermelho com a cravação dourada e franjas de ouro e duas almofadas de brocado, e na ponpa duas caçoulas em brazeiras de prata de tão suavissimo cheiro que em grã parte do rio rescindia, e pelas bandas de fora pinetes grossos acesos em seus castiças de prata. Neste bergantim não vinha mais gente do que os remadores e um homem que tinha enidado do concertado, e o corregador de Ayamonte, o qual, chegando o bergantim de El-Rei, lha ofereceu com os mais e com um recado mavioso da parte da Marqueza.

El-Rei lhe agradeceu muito e a gente fez uma silva mui grande de gritos por não trazerem mais armas que as linguas e a fortaleza de Ayamonte disparou toda a artilheria. O corregador é um fidalgo e já velho, e andou sempre com o bergantim pegado a do Rei e sempre descoberto. Do Mosteiro de S. Francisco saíram os frades a acompanhar El-Rei com os habitos e cinta. Muitas castelhanas bonitas acompanharam o bergantim de El-Rei; e elas levantaram as vasquinhas, que não eram de burel e ficaram em calças e jubão. Desejosas de ver El-Rei as castelhanas pediram ao Rei que mandasse correr as cortinas, que o queriam ver, o que El-Rei fez.

Chegou El-Rei á vila de Santo Antonio; viu a vila e a barra e veiu correndo a costa passando em frente de Ayamonte. Toda a gente de Ayamonte acudiu ás janelas, escadas, a ver o Rei; o rio estava coberto de bateis e estes apinhados de mulheres formo-

sas. Todos manifestaram alegria, etc... Em seguida a Relação da jornada de El-Rei D. Sebastião fala-nos da vila de Arenilha Fr. João de S. José, e de aí por diante Estacio da Veiga quando escreve: «A vila de Santo Antonio de Arenilha, situada entre Castro Marim e Cacela, ainda existia no seculo XVII.»

Ultimamente deixou-se de falar de Arenilha, e apenas dela falam as lendas.

Vamos descrever aos nossos leitores a mais moderna das nossas lendas:

«Em uma noite de grande vendaval dirigiu-se um pescador, acompanhado de tres filhos, um genro e um neto, dentro de um pequeno barco para o sitio onde estivera fundada a vila de Arenilha.

Chegados ao ponto em que deveria encontrar-se o templo, se este não tivesse sido arrancado em blocos, ouviu-se nitidamente o vagido de uma creança.

—O que é? perguntou o mais novo ao mais velho.

—E' a voz da nossa vila—responderam.

E daqui, sempre que se pergunte a um pescador pela vila de Arenilha, respondem-nos:—é a vila que anda a chorar por ter perdido o seu primeiro pouso!

Continua.—Ordem de Arenilha—

ATAÍDE OLIVEIRA
{Da Academia de Sciencias}

Cronicas de Arte

V—Paúlismo popular

É costume velho e sabido nas lides jornalisticas o da criação dum tipo caricato, dum Praxedes numero 1, 2 ou 3, que sirva de traductor fidelissimo para as ideias mais correntes entre a chamada «Grande Massa Popular». Simples e comoda solução se obtem por esta forma. Lendo as frases boas e as ideias cabotineiras que o crítico põe na boca do seu arrôta-culpas, amigo Zé Povo ri, com um grande riso superior, dos gestos e das asneiras, dos paradoxos e das negativas, sem se aperceber de que tanto uns como outras de si foram copiados.

Orientados por estes principios é que nós vamos transcrever a entrevista curiosa realisada com um Praxedes qualquer, ao qual chamaremos Praxundes, e que a nossa boa sorte jornalisticas nos fornecem

Entron-nos o Grande Homem pela porta dentro, anafado e sudorento, gesticulando em curtos gestos de doido, amarfanhando no *Orpheu*. E poz-se a discorrer:

—Você já viu, já leu, já profundo esta grande droga, amigo A. Bustorff? Eu vi, li e profundei. A principio ri a bandeiras despregadas, mas depois tão depressa terminei a leitura, e aí em mim, por um pouteo me não subiram macaquinhos ao sótão, e vi geitos de morrer a rir. Que, na verdade, o raio do livro é um disparate sem pés nem cabeça, meu caro e velho amigo!... Lê-se, e eai-nos o eorção aos pés. Você não acredita? E' que ainda não leu, meu caro! Leia e verá se não foje, como eu, a sete pés, também!...

«Aqui ha dias comecei a interessar-me pelo demonio da obra. Não havia jornal que lhe não «chegasse», que lhe não batesse. A mulher e os filhos instavam comigo: que comprásse, que comprásse, pois devia ser obra de tres em pipa, de x. p. t. o. Uma súcia de maduros, fartos de andar na lua e de libernarem por restaurantes e cafés baratos e a fazerem versos, devia ter que ver.

«Comprei:—fiz-lhes a vontade. A capa, um demonio de uma capa eór de burro quando foge, ninguem lá em easa entron com ela. As poesias do Sr. Sá-Carneiro deram-me a impressão de serem feitas por um grandissimo e alentadissimo maluco. Que ele é maluco com certeza, olá, se é!... Ou maluco, ou melro de tres assobios—isso é como quizerem. Uma tal confusão de virgens mortas e virgens vivas, virgens que estavam e não estavam em patuscáda com um Marinheiro que existia mas não existia, pareceu-me obra de primeiro calibre. De resto cheirou-me um tanto ou quanto a maçada. Um tal senhor Ronald de Carvalho pareceu-me fino como um burro, mas assim a módos esquisitote. O caricaturista Almada Negreiros ia dando comigo em pantanas e por um pouco me não volta o miolo. Mas, por ultimo, o poeta Alvaro de Campos é que me pôz azedo de todo. Aquele diabo não está por certo em cheiro de santidade com a Razão, senhores!... Tanto hup! e tanto z-z-z, tanto z-z-z e hup! que eu... záz, atirei com o livro pela jancla fora, farto de pescar ideias sem encontrar coisa substancial, coisa assim, que se visse. Mas estou arrependido, sabe? Exgotou-se a edição: perdi os tres tostõesinhos do preço estabelecido mais um tanto da comissõesinha pela raridade da obra. Mas você não diz nada... Pois também lhe deram volta ao miolo?»

—Digo, respondi eu, digo que você está interseccionista, pañlista ou *orfeuista*, também. Insurge-se contra os «pantanos de mim», os «jardins estagnados», os z-z-z e os hups! quando na realidade diz e usa expressões e onomatopaicismos tres vezes mais intrincados e disparatados que esses de que aboinna. Agora mesmo, falando comigo,

nessa sua acatlinada eritica você ri a bandeiras despregadas, ficou com macaquinhos no sótão, dem comsigo em pantanas, morreu a rir, caim em si. Fugiu a sete pés, pescou ideias. Viu côres de burro quando foge e coisas de tres em pipa. Azedou-se de todo, comparou homens com melros de tres assobios, chegou a vê-los andar na lua, sentiu cheiros de santidade e de maçada...

E, para remate, como os z-z-z e os r-r-r-r das grandes velocidades e das grandes maquinas, também você traduziu as suas impressões furibundas em zás aniquiladores!

Pañlista, amigo Praxundes, tresentas vezes mais pañlista que os Sás-Carneiros, os Fernandes Pessôas e os Alfredos Guisados!... Pois quê, eontésta? Que toda a gente sabe o que é rir a bandeiras despregadas, cair em si e tantos outros vulgares distempêros mais. Mas quem duvida? Sei-o eu, sabe-o você, sabe-o a visinha do lado, a do primeiro andar e a do rez-do-chão. Não ha ninguem, ninguem, absolutamente ninguem que o ignore, men velho. Mas a questão não está nesse ponto. Está neste outro: que coenência, que coerencia, que relação logica, que conjunto raeional se tira da renuição dessas quatro palavras que formam a conhecida expressão «rir a bandeiras despregadas»? Nenhuma! Mas você discorda ainda!... Agarra-se a essa *blague* do braço a valsar, fugido do dônno, nos salões do vice-rei! E o coração caído aos pés? E você, morto a rir, falando comigo? E os miolos torcidos? E a fuga a sete pés? Mas ha mais, carissimo. Voltemos ás «bandeiras despregadas». Suponha que semelhante forma de dizer appareceu pelos meíados do seculo XVIII. Admita isto como bom e responda-me agora: que raio de nome ou de insulto usariam os classicos do seculo XVI, —dois seculos antes,—para a criatura que sem mais nem menos a usásse no meio dos rigorismos então vigentes? Matavam-n'o, apedrejavam-n'o, insultavam-lhe os colarinhos e as maneiras de ganhar a vida, faziam-lhe nem mais nem menos que o que vimos fazer aos do *Orpheu*.

Adivinho-lhe na cara, meu presadissimo detractor, um não sei quê de arreliado que me faz prever uma pergunta. Desembuche, homem! Pois não concorda aberta e completamente com este seu creado?

Sornbático, Praxundes acenou-me afirmativamente, e, num rezár baixinho, mascando as frases, com um despeito profundo a amargar-lhe as palavras (mais paúlismo) perguntou meio reccioso:

—Então nem eu, nem os outros entendêmos porque nos falta preparação e educação? Porque o lastro da ignorancia não deixa subir até ás transcendencias do *Orpheu*?

—Inda não é bem isso, homem! Claro que ali ha Compreensível, e Incompreensível, *blague* e obra séria. Esta ultima ha-de ser convenientemente recompensada, quer dizer: popularisada, adoptada, preferidas e espalhadas as suas ideias, ou maneiras de dizer. Uzar-se-lão muitas das suas expressões. E então você, que decerto será um dos primeiros influenciados ha-de vir, talvez, dizer-me aqui: —Amigo A. Bustorff: tens escritos e cronicas ascenderam por mim em lentos nojos de tédio e vacuidade. Termina de tua pena o r-r-r raspante para que eu possa dormir meus sonhos em máres de leite e escuridões de luz. Quebra teus gestos. Azérisa tens pensamentos. Deixa de vez de cronicar meu Sêr, para que Eu, seja Eu e nunca Tu. Segue outro rumo!»

E serei eu então, Praxundes amigo, quem te não entenderá.

22 de Abril de 1915.

A. BUSTORFF

(Aluno da Faculdade de Direito de Lisboa)

* * A Decadencia da Nação * *

apontada por um dos seus diplomatas.

PERMITAM-ME que abra um pequeno parentese na exposição que empreendi de alguns aspectos do modo de ser da nação nos ultimos tempos, principalmente sob o regime constituicional, para lhes falar do recém-publificado relatorio do sr. Visconde de Alte, nosso ministro em Washington, e que versa precisamente um dos mais tristes aspectos da doença de que o país sofre.

É no ultimo numero do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (de Dezembro de 1914) agora distribuido, que vem esse precioso relatorio sob a forma de nota em resposta ao inquerito aberto pela mesma *Sociedade* sobre as colonias portuguezas em países estrangeiros. A emigração portugueza é de ha muito objecto de estudo para os mais abalisados economistas e de cuidado para quantos preocupa o presente e o futuro da nossa Patria. Porém, o sr. Visconde de Alte, ao tratar do assunto fa-lo com tanta precisão e conhecimento de causa e aponta com tanta segurança algumas das causas da terrivel doença que afflige a nossa sociedade, que eu aconselho calorosamente a leitura e a meditação desse numero do citado *Boletim* a quantos desejam conhecer o estado do nosso país.

A emigração portugueza para a America, diz-nos o sr. Visconde de Alte, «não é apenas a transferencia temporaria» mas «o exodo definitivo da parte da nossa população que afecta»; representa mais de nove mil emigrantes ao ano de 1911-12 e um valor que o nosso ministro em Washington computa em 4.537 contos, (valor economico do emigrante) o que somado com o preço das passagens, e com o dinheiro que estes levam consigo sobe a 5.303 contos, de que ha a deduzir o lucro de emigração: 600 contos por ano, que os emigrantes enviam para a mãe patria. «Fuga de gente e de dinheiro sem compensações adequadas» e que além disso tem contribuido para espalhar a tuberculose nos Açores, eijos habitantes depauperados se vão tubercular aos Estados-Unidos e voltam depois a morrer, propagando o flagelo, no arquipélago natal.

De esta desgraçada situação não tem a culpa o nosso povo, nota com muitissima razão o diplomata portuguez, porque os homens de esse povo, pobres ignorantes muitas vezes analfabetos, conseguem na California obter da terra um rendimento de 25 % maior do que qualquer outro cultivador. Quer dizer: esse trabalhador, o que não encontra no seu país são as condições favoraveis para exercer a sua actividade, e enquanto elas não existirem emigrará: — «o desenvolvimento dos recursos materiais do país será o meio mais eficaz de combater a emigração». «Portugal é potencialmente um dos países mais ricos do mundo...» «é a miseravel situação economica do país a causa primordial da excessiva emigra-

ção...»: «O portuguez produz pouco, paga muito, e deve muitissimo».

A fraqueza de Portugal, o mal terrivel contra que é preciso combater o que tanto dano nos tem causado, deriva principalmente da deficituosa educação das classes cultas, podantescaamente educadas fóra da realidade que desconhece e propositadamente desdenha, crente em que com palavriados e teorias ha de regenerar o país, cujas condições economicas e financeiras desconhece e nem ao menos procura conhecer.

Inutilmente esses legisladores legislam: fóra da realidade eles só conseguem embrulhar tudo muito mais e não melhoram coisa alguma, porque não atacam o problema como o deveriam atacar, porque não tem sabido nem podido, viciados por uma educação formulistica que herdaram dos jesuitas e perpetuam por ignorarem que haja outra.

Na America os dirigentes são de outra tempera; não são ideologos mas sim homens de trabalho que aprenderam na vida e não nos livros as necessidades da sociedade em que vivem. Leiam o relatorio tão notavel do nosso ministro em Washington: é preciso que cada um de nós procure conhecer o mal que nos afflige a todos, porque conhecê-lo é dar o primeiro passo para o debelar, e o sr. Visconde de Alte faz dele uma exposição constrictadora mas clara e exacta.

Abril de 1915.

GONÇALO DE OLIVAIS.

[Professor de Ensino Secundario]

OO FIGURAS ALGARVIAS OO



DR. JULIO DANTAS

O illustre homenageado de hoje, o sr. dr. Julio Dantas, é um dos maiores vultos da litteratura contemporanea. Autor de obras primas no teatro portuguez, além de historiador, crítico e romancista, é tambem um dos melhores poetas sonetistas das letras modernas. Honra o Algarve e honra a Patria.

nas breves notas e não uma profunda análise, para que tambem não tenho folego. A amabilidade de um dos redactores da *Alma Nova* tirou de uma carta que lhe escrevi essas expressões, lançadas sem cautela na *mouchalonne* da correspondencia particular, e com elas deu aos leitores esperanças a que não posso eorrespondar.

Quanto ao pseudónimo tambem ha um pequeno exagero, porque quantos me conhecem sabem que sou Gonçalo de Olivais, além de outras cousas que occulto, porque aos leitores não interessam; é portanto só meio pseudónimo... Foi a amabilidade que deu aos leitores demasiadas esperanças sobre o valor dos meus escritos. Agradeço os adjectivos que não mereço, pedindo-lhes que me perdoem a desilusão que eles lhes dão, como eu perdôo, porque muito agradeço, o exagero com que lhes fui apresentado.

G. DE O.

CARTA DE LONDRES

Por absoluta falta de espaço não podemos dar entrada no presente numero a esta carta do nosso illustre correspondente na grande cidade inglesa, o que sentimos, porque vem muito interessante. Virá no proximo.

NOTAS

A LÁPIS



JOÃO LUCIO EM ESTUDANTE

Desenho de Boaventura Pussos, executado aos 16 anos

DR. ATAÍDE OLIVEIRA

Começa hoje a sua colaboração efectiva em a nossa revista este nosso querido e venerando amigo, sabio investigador a quem o Algarve tanto deve e para quem a sua vasta obra tanto val.

Falará do assunto ainda não tratado—as encantadoras lendas das mouras algarvias.

A IMPRENSA

Ao «Heraldo», de Faro, «Alma Algarvia» de Silves, e «Vida Elegante», de Lisboa, bem como a muitos outros colegas que em termos ilogiosos se nos veem referindo, a todos, especializando o «Heraldo», apresentamos os nossos muitos reconhecimentos.

LIVROS

Recebemos os seguintes, a que faremos referencia especial logo que o espaço no-lo permita: «O Teatro em Fralda», de Oldemiro Cesar e Rocha Junior, cuidada edição de Livraria Ventura Abrantes, e «A Allemanha perante a Europa» de Pedro Muralha, edição da mesma livraria.

PRAIA DA ROCHA [subsídio para o estudo do clima]

É um livrinho interessante editado pela Sociedade Propaganda de Portugal, de cuja compilação de notas meteorologicas, o seu autor, o sr. João Madaíl, conclue que a Praia da Rocha não só é a estação de inverno por excelencia da costa portuguesa, mas ainda, como tal considerada, superior á de Biarritz.

Mil agradecimentos ao sr. João Madaíl pela amavel dedicatória.

ANIVERSARIOS

Fazem anos: dia 5, D. Mariana A. Santos (de Loulé) dia 10, D. Maria Magdalena Moreno (Faro); dia 11, Jaime Ruivo Junior (Faro); dia 14, o nosso querido camarada de redacção José Guerreiro Murta, distinto aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; dia 15

Francisco Guerreiro Barros (Faro); dia 22, D. Alice Judice Samora Pimentel (Lagôa); dia 24, D. Maria da Graça Mira (Paderne); dia 30, Francisco d'Ascenção Mendonça, nosso querido secretario e considerado aluno da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa; dia 31, José Pontes Brito (Faro).

A todos, os nossos maiores votos de felicidades.

*AVISANDO

Vamos de novo remeter á cobrança alguns dos recibos devolvidos, reservando-nos o direito de recorrermos aos meios que acharmos convenientes para com os que nos forem menos corréto.

Quem não desejar ser assinante da «Alma Nova» deve declará-lo logo ao receber o primeiro número, devolvendo-o ou enviando-nos a sua importancia. Recebe-la durante 6 e 7 meses e no fim recusar-se a pagar... não é razoavel.

POR PALCOS E SALAS

Ginásio—Referimo-nos no ultimo numero a André Bruin, felicitando o Ginásio pelo deslumbramento e graça com que sabe apresentar todas as peças do ilustre dramaturgo; hoje, porém, depois de admirarmos a interessantissima comédia de Melo Barreto «Cireo de Inverno» não queremos nem podemos deixar de nos referirmos tambem a este. Melo Barreto, sabe como poucos manter uma pteia em constante gargalhada, — e eis o nosso maior ilogio. A quem ainda não viu o «Cireo de Inverno» aconselhamos que aproveite as ultimas representações. No dia 8 apparecerá novo cartaz, para o qual já ha as mais fisongeiras referencias. É uma comédia burlesca firmada por Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, adaptaçã duma interessantissima peça italiana intitulada «Jetatore» e que os distintos comediografos citados apresentam com o nome suggestivo de «O Homem Macaco».

Os principais papeis foram confiados aos admirados artistas Cardoso e D. Maria Matos.

Teatro da Trindade—Vem merecendo todas as noites os mais retumbantes itogios a engraçadissima mágia de Eduardo Garrido «O Retogio Magico» com música tambem muito agradavel de Ciriaco Cardoso.

Personagens bem senhores do seu papel, scenarios deslumbrantes, guarda roupa execente, — tudo ajuda a valer muito a peça do sr. Garrido e o bom gosto do Sr. Afonso Taveira.

Coliseu dos Recreios.—Num arrôjo muito para enatteeer nestes tempos de apuros, a empreza deste exptendido salão não podia deixar de merecer as nossas mais ilogiosas referencias pela maneira como por uns preços relativamente baratos apresenta as companhias que vimos admirando.

Politeama.—Depois de ter exptorado com o maior agrado para o publico os espectaculos de «zarzuela», fechou ha dias o ciclo teatral da epoca, transformando-se num elegante satão cinematografico.

Apolo.—Tem agradado muito a revista «Rosa Tirana», que apresenta quadros de reconhecida «charge» e flagrante actualidade.

Rua dos Condes.—Vem despertando grande interesse a companhia de zarzuela actnamente neste popular teatro.

Varias

No Satão do Conservatorio realison-se a 13 do mês passado um sarau de homenagem ao baritono algarvio Alfredo Mascarenhas.

—A actriz-cantora Judice da Costa, tomou parte na festa artistica de Luiz Cardoso, cantando trechos das operas «Herodiade» de Massenet e «Mephistopheles» de Boito.

Os melhores cinemas

Salão Foz.—Exptendidos concertos e sempre variedades.

Salão Olimpia.—A reunião do Chic. Matinéés diarias.

Salão da Trindade.—Belas fitas e preços convidativos.

Chiado Terrasse.—Animatografo higienico. Reunião elegante e sempre estreias.

Coliseu de Lisboa.—(R. da Palma) maravithosas fitas.

Salão dos Anjos.—Bôas fitas e variedades.

SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

SÉDE — Rua Garret, 103, 2.º — LISBOA
TELEFONE N.º 1480

FIM DA SOCIEDADE: Crear e desenvolver, entre nós, a **INDUSTRIA DO TURISMO**, fonte de riqueza nacional

Vantagens dos socios, entre outras muitas:

a) Abatimento de 50 % uma vez por semana, nos teatros de Lisboa Apolo, Avenida, Eden, Ginasio, Moderno e Trindade; e nos animatografos Central, Chiado Terrasse, Olimpia, Trindade, Anjos e Chantecler.

b) Abatimento de 50 % nos animatografos do Porto Jardim Passos Manoel e Salão Jardim da Trindade; Abrantes na Sociedade João de Deus a todas as distrações que oferece aos seus associados, tem direito os socios da Propaganda com a presen-

tação do bilhete de identidade; Barreiro, Teatro Independente abatimento, de 20 %; Covilhã, Herminios Terrasse, abatimento de 50 %; Evora, Teatro Garcia de Resende, sabados 50 %; Faro, Teatro Circo, abatimento de 50 % e Teatro Lethes, 8 %; Figueira da Foz, Casino Mondego, abatimento 25 %; Guarda, Casino da Beira, 20 %; Lagos, Empresa Animatografica Lacobrigence, 50 %; Leiria, Teatro Moderno, 20 %; Setubal, Casino Setubalense e Salão Recreio

do Povo, 50 %; Vichy, Jardim de Vichy, 10 % e Casino Fleures, 50 %.

c) Abatimento de 50 % no preço da entrada, ás 4.ªs feiras, no Jardim Zoologico.

d) Advocacia gratuita (consultas 3.ªs e 6.ªs feiras).

e) Abatimento de 10 % em todos os grandes hotéis do paiz.

f) Abatimento de 5 a 25 % em numerosos estabelecimentos comerciais.

g) Abatimento nas excursões promovidas pela Sociedade.

QUOTA MINIMA 1\$20 POR ANO

Pedir boletins para inscrição de socios, à **SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL**
DELEGAÇÕES DA PROVINCIA

Bairrada—Presidente: Adriano Augusto Cancela d'Albreu.

Carlaxo—Presidente: Francisco José Pereira.

Castejo de Vide—Presidente: Dr. João Magrassó.

Covilhã—Presidente: Fernando Henriques da Cruz.

Elvas—Presidente: José Nunes da Silva Sobrinho.

Evora—Presidente: Viseconde da Esperança.

Faro—Presidente: Constantino Romano.

Lagôa—Presidente: Antonio Judice de Magalhães Barros.

Lagos—Presidente: Lopo

José Aguado Leote Tavares.

Leiria—Presidente: Inacio Verissimo d'Azevedo.

Luso—Presidente: Ernesto Navarro.

Manteigas—Presidente: João Bernardo da Cunha Matos.

Monchique—Presidente: Dr.

Bernardino Moreira da Silva.

Penacova—Presidente: Dr. Luiz Sereno.

Portalegre—Presidente: Dr. João Franco de Souza.

Portimão—Presidente: Antonio Teixeira Bieker.

Silves—Presidente: Pedro Paulo Mascarenhas Judice

A "**ALMA NOVA**" Trata da inscrição de socios na "Propaganda de Portugal". Todos os socios por nós inscritos terão o abatimento de 50 % na sua assinatura em a nossa revista.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO SERRALHARIA MECANICA E CIVIL DE MANOEL CARVALHO FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

Rua Infante D. Henrique, 186 — FARO Construção de poços Artesianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarga-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior firmeza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica.

ORIZALINA

A mais bela e segura pintura para tingir o cabelo. Producto absolutamente inofensivo e de resultado garantido. Pinta em todas as cores.

Á venda em Tavira, na

Farmacia do Monte-Pio Tavirense

Deposto geral—**FARMACIA BARRETO**

Rua do Loreto, 24 a 30 — LISBOA

Telefone n.º 3098

Livraria das NOVIDADES

— DE —

Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias
e Tabacos nacionaes e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. — Descontos aos revendedores e estudantes. — Encadernações a preços resumidos. Agente das principais casas de Lisboa.

Alma Nova

REVISTA ILUSTRADA ALGARVIA



DR. CANDIDO GUERREIRO

LITTERATURA : SCIENCIA
CRÍTICA : E : ARTES



Redacção e Administração

Rua da Procissão, 118, 3.º

LISBOA

SUMÁRIO do n.º 9

Aspectos economicos do Algarve (com
ilustrações) — *Ferreira Netto*.
O Congresso Algarvio.
Poetas algarvios (Candido Guerreiro).
Mendiga — *Sonetos de Candido Guer-
reiro*.
Folk-Lore Algarvio — *Ataíde de Oli-
veira*.
A beleza artistica do Algarve — *Lys-
ter Franco*.
Guerra Junqueiro — *Desenho de Boa-
ventura Passos*.
Notas, Concurso infantil e Teatros.

Preço 5 centavos

